

Calma, pedido de Bresser

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O ministro Bresser Pereira acha "normal" que os bancos credores apresentem uma contraproposta para a renegociação da dívida, na sexta-feira, mas adverte: "Acho que eles deveriam ir com calma. Nós não podemos fazer um acordo rápido, correndo, só para agradar os banqueiros. Não faremos isto sob hipótese alguma. Faremos um acordo que realmente interesse ao Brasil".

A contraproposta que os banqueiros começaram a preparar desde domingo, "irritados com a proposta brasileira", como se comenta, não vazou para a imprensa, mas um repórter indicou ontem, ao negociador Fernão Bracher, que "ela deverá ser vaga como a brasileira". A delegação do Brasil não está dando muita importância à reunião de Nova York, na sexta-feira, classificando-a apenas como "mais uma de uma série".

Um banqueiro com um vencimento hoje, o vice-presidente do Banco de Tóquio, foi entrevistar-se com o ministro Bresser Pereira, na tarde de ontem. Antes do encontro, os dois foram ouvidos por alguns repórteres, separadamente. Tinham algo em comum: lamentavam, porque nada podia ser feito.

"Infelizmente, não podemos fazer nada", explicou o ministro Bresser Pereira, acrescentando: "Temos grandes simpatias pelos japoneses. O vice-ministro de Finanças do Japão fez um discurso dando apoio, indiretamente, às nossas posições. Tenho certeza que o Japão vai ter um papel cada vez mais importante no processo".

Mas o banqueiro japonês, representando Yusuka Kashiwagi, apenas explicou aos repórteres: "Não temos escolha". Os bancos japoneses en-

frentam hoje um problema, o mesmo que os bancos americanos terão no dia 26 de outubro: esgota-se o prazo legal para que fiquem sem contabilizar os juros de seus empréstimos, suspensos pela moratória. "Nós nos preparamos, e nada, então, vai acontecer", disse o banqueiro. E quando lhe perguntaram se achava importante o Brasil ir para o FMI, respondeu que "sim, embora isto não seja um problema dos bancos privados".

Outra conta que o Brasil não está pagando hoje seria uma parcela do principal devido ao Clube de Paris. Mas o ministro Bresser Pereira não viu nisso alguma novidade:

"Não houve nenhuma novidade com o Clube de Paris. Ele não reestruturou a nossa dívida. Esperávamos que isso acontecesse, porque no começo do ano foi estabelecido que nossa dívida só seria reestruturada quando o Brasil fizesse um acordo com os bancos e tivesse um relatório favorável do FMI. Mas isto nos afeta pouco. O que é uma pena é que as agências de exportação continuam fechadas para o Brasil. Está muito claro que só abrirão as agências de exportação dos grandes países industrializados depois que o Brasil tiver um acordo com o FMI".

Logo depois, continuando a falar do Clube de Paris, o ministro Bresser Pereira diria que "os bancos estão achando que será preciso esperar que a Constituinte termine o seu trabalho". Os bancos estão pensando nisso, mesmo? — insistiu um repórter. "É. Estão dizendo isso", ele reconfirmou.

Para o ministro, o fundamental é ter um acordo que "represente um avanço importante em relação ao acordo que foi feito com a Argentina, as Filipinas e o México, porque esses países estão profundamente insatisfeitos. Por isso, a nossa proposta de títulos é uma coisa impor-

tante que vai representar uma nova etapa na história da dívida".

O ministro Bresser Pereira ficou entre as delegações de Burkina e de Botswana durante a abertura oficial da reunião anual do FMI e do Banco Mundial, no Hotel Sheraton, perto do zoológico de Washington. Estava com o embaixador Marcílio Marques Moreira e os negociadores da dívida, Fernando Milliet e Fernando Bracher. O Wall Street Journal da manhã trazia um artigo que concluiu que seu bom humor e suas credenciais acadêmicas e políticas não são os únicos requisitos suficientes para convencer os banqueiros, e que é preciso mais. Os esforços que fez até agora "não foram especialmente bem: os bancos não ficaram excitados com a proposta que lhes apresentou".

Para o Journal, o ministro Bresser Pereira estará cometendo um erro sério se acreditar que conchavos políticos com ministros de finanças de outros países endividados, como o encontro com a Argentina e o México, no restaurante O Circo, de Nova York, vai ajudá-lo a negociar com os bancos. "Isto pode, de fato, envenenar ainda mais a água", diz George Melloan, do Journal. O conselho: "É preciso oferecer algo que o mercado pode aceitar".

A contraproposta que alguns banqueiros anunciaram que está sendo preparada, anteontem, durante um coquetel oferecido pelo Citicorp/Citibank, não surpreendeu o ministro, que sabia que sua proposta não seria aceita facilmente. O ministro Bresser Pereira continua sendo uma celebridade nesta Washington tomada pelos banqueiros do mundo todo. É o mais perseguido pelas câmeras de tevê, fotógrafos e repórteres. O que não quer dizer que seja invejado. Como diz o Wall Street Journal, poucos ministros de finanças gostariam de estar diante dos problemas externos e internos crescendo à sua frente.